

A AVALIAÇÃO DA CONTRATRANSFERÊNCIA NA PSICOTERAPIA PSICODINÂMICA BREVE PARA DEPRESSÃO

THIAGO MASSAQUE TAVARES¹; PÂMELA ESPIRITO SANTO CARDOSO²;
RICARDO AZEVEDO DA SILVA³

¹*Universidade Católica de Pelotas – thiago.tavares@sou.ucpel.edu.br*

²*Universidade Católica de Pelotas – pamela.cardoso@sou.ucpel.edu.br*

³*Universidade Católica de Pelotas – ricardo.azs@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Para Freud, a contratransferência se baseava em manifestações patológicas como resultado de conflitos não resolvidos do analista, configurando um obstáculo no tratamento psicanalítico (MILLS, 2004). Até o ano de 1949, data em que Paula Heimann publicou seu artigo sobre contratransferência, o fenômeno era considerado um problema do analista a ser resolvido ou uma dificuldade técnica a ser evitada. Para Heimann, a contratransferência é caracterizada pelo conjunto das reações emocionais, conscientes e inconscientes, despertadas no terapeuta pela transferência de conteúdos do paciente (HOLMES, 2014). Sendo assim, o fenômeno constitui-se como importante instrumento investigativo do inconsciente por possibilitar ao analista tornar-se receptáculo continente dos elementos inconscientes do paciente, permitindo a compreensão da relação transferencial (ZAMBELLI, et al., 2013).

A definição contemporânea da contratransferência enfatiza a influência da relação paciente-terapeuta nas reações emocionais do terapeuta. Sendo assim, diversos aspectos do paciente como, por exemplo, gênero, idade, funcionalidade, diagnóstico clínico e qualidade nas relações objetais despertam respostas emocionais comuns no terapeuta (HOLMQVIST; BENGT-AKE, 1996).

Embora o conceito de contratransferência tenha evoluído e a literatura não hesite em afirmar o papel do paciente nas reações emocionais do terapeutas e o papel investigativo desse fenômeno para o tratamento psicológico, existem poucas pesquisas empíricas sobre o tema (ROSSBERG, et al., 2008). Além disso, há apenas um instrumento psicométrico validado no território brasileiro, desenvolvido por Cláudio Laks Eizirik em 1997, a Escala de Avaliação da Contratransferência (EACT).

De acordo com estudos nacionais realizados com a escala EACT, os sentimentos contratransferenciais de aproximação aumentam durante a sessão, sendo sua intensidade no início menor do que no meio e no final da sessão. Além disso, tais sentimentos foram correlacionados negativamente com a idade, a renda e o nível global de funcionamento do paciente (GRUDTNER, 2009). Quanto aos sentimentos de afastamento, foram encontradas correlações positivas com a presença de problemas psicossociais e ambientais, como abuso físico, negligência emocional e controle materno (SANCHEZ; SERRALTA, 2020).

Desta forma, destaca-se a falta de estudos nacionais sobre a relação transferencial que se dá por terapeutas e pacientes na psicoterapia e as associações entre as características dos pacientes e os sentimentos despertados no terapeuta. O presente estudo busca investigar as associações entre os sentimentos contratransferenciais manifestados pelo terapeuta e as características sociodemográficas dos pacientes em psicoterapia psicodinâmica

suportiva-expressiva (PDSE) breve para transtorno depressivo maior nas modalidades presencial e online.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um ensaio clínico randomizado que oferece tratamento psicoterapêutico breve para adultos com transtorno depressivo maior (TDM). Uma equipe de avaliação psicológica faz a seleção dos interessados que responderam o formulário online baseado nos critérios de inclusão e a coleta dos dados sociodemográficos (idade, gênero, escolaridade, renda, etnia, sexualidade, etc). Os participantes que podem receber o tratamento devem preencher os seguintes critérios de inclusão: serem maiores de idade, residentes de Pelotas, apresentar episódio depressivo maior atual, não estar em psicoterapia ou tratamento farmacológico, não apresentar risco de suicídio moderado ou grave, não fazer uso de substâncias psicoativas, não apresentar quadro psicótico atual e não apresentar diagnóstico de transtorno bipolar, esquizofrenia, déficit intelectual ou outro transtorno mental severo. Os terapeutas que atuam no tratamento são estudantes do curso de graduação em Psicologia e psicólogos recém-formados.

Depois da seleção e randomização de abordagens psicológicas (psicodinâmica suportiva-expressiva e terapia cognitiva-comportamental) os pacientes são randomizados nas modalidades presencial e online e recebem tratamento psicológico breve de 15 sessões.

O fenômeno da contratransferência é avaliado pela Escala de Avaliação da Contratransferência (EACT) (EIZIRIK, 1997). Trata-se de uma escala sobre 23 sentimentos contratransferenciais avaliados em três momentos da sessão de terapia (início, meio e final), que é respondido pelo terapeuta através do Google Forms após cada atendimento realizado. É uma escala do tipo Likert com pontuação de 0 (“nada”) a 3 (“muito”) e os sentimentos contratransferenciais agrupados em 3 dimensões: sentimentos de aproximação (10 itens), sentimentos de indiferenciação (3 itens) e sentimentos de afastamento (10 itens). Quanto aos resultados, quanto maior o escore da dimensão maior índice do respectivo tipo de sentimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensaio clínico está na etapa de oferta do tratamento psicoterapêutico com previsão para conclusão no primeiro trimestre de 2025. Estima-se que a análise dos dados seja realizada no primeiro semestre de 2025.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo propõe-se a contribuir para a compreensão do fenômeno da contratransferência para pacientes adultos com transtorno depressivo maior. Além disso, busca trazer dados sobre a vivência contratransferencial na psicoterapia online.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EIZIRIK, C.L. Rede social, estado mental e contratransferência: estudo de uma amostra de velhos da região urbana de Porto Alegre. Porto Alegre (Brasil): **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 138 p. 1997.

GRUDTNER, R. R. ESTUDO DA CONTRATRANSFERÊNCIA E SUA ASSOCIAÇÃO COM CARACTERÍSTICAS DO PACIENTE EM PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO ANALÍTICA. **Lume Repositório Digital**. 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18501>.

HOLMES, J. Countertransference Before Heimann. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, 62(4), 603–629. 2014.

HOLMQVIST, R., ARMELIUS, B.A. . The patient's contribution to the therapist's countertransference feelings. **J Nerv Ment Dis** 184:660-6. 1996.

MILLS, J. (2004). Countertransference revisited. **Psychoanalytic Review** 91:467–515.

ROSSBERG, J.I., KARTERUD, S., PEDERSEN, G., FRIIS, S. Specific personality traits evoke different countertransference reactions: an empirical study. **J Nerv Ment Dis** 196:702-8. 2008.

SANCHEZ, L. F., SERRALTA, F. B. Associações entre contratransferência e características do paciente na psicoterapia psicanalítica. **CES Psicol [online]**. 2020, vol.13, n.3, pp.162-179. Epub Sep 09, 2021. ISSN 2011-3080.

ZAMBELLI, C. K., TAFURILL, M. I., VIANALL, T. C., LAZZARINIL, E. R. Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann. **Psicol. clin.** 25 (1). 2013.